

AS RETIRADAS PARA OS CAMPOS DE AÇUDAGEM NA SECA “DO QUINZE”¹

Lara de Castro²

Resumo

O presente artigo analisa a trajetória dos retirantes da seca de 1915 em direção as frentes de serviço da comissão de Obras Novas Contra as Secas, localizadas na cidade de Sobral – CE e arredores e como era o espaço das obras que atraíam milhares de sertanejos que ao chegar aos locais das construções enfrentavam novas dificuldades e pelejavam diante de novos embates num diferente “mundo do trabalho”.

Palavras-Chave: Seca, retirantes e trabalho.

Abstract

This article examines the trajectory of the refugees from drought in 1915 direction fronts service commission New Works Against Droughts, located in the city of Sobral-CE area and how was the space of works to attract thousands of works that the reach of local buildings facing new difficulties and struggled with each new encounters a different "world of work".

Key Words: Drought, drought refugees, work.

¹ Este artigo resulta de uma parte da minha dissertação de mestrado defendida em julho de 2009 intitulada “Enxadas e compassos: seca, ciência e trabalho no sertão cearense (1915-1919). Mais especificamente as reflexões desse texto foram retiradas do I tópico do II capítulo – esse capítulo tem por nome “Os enxadas – de retirantes a operários: trabalho, cotidiano e conflitos nas obras contra as secas.”

² Graduada em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: laravcf@yahoo.com.br.

Pior do que caminhar quarenta anos no deserto é chegar a terra da promessa e ter saudades do deserto³.

No último quartel do XIX e no primeiro quartel do XX, a seca e os retirantes foram fortemente atreladas ao atraso e ao fanatismo. A população sertaneja já era enxergada, com reforço na literatura, como uma criatura anestesiada pelo sofrimento e sob um estado de extraordinária miséria orgânica. O infortúnio provocado pelas crises climáticas é apontado como multiplicador dessas desgraças, enquadrando os que migram por conta da seca como frutos da degeneração física e moral. “Esquelético e nauseabundo”, os retirantes eram tidos como um “subproduto”, “entibiado”, “frouxo”, um “homem tarado”, uma “endemia andante”, um ser “macilento e esquelético”, “portador de milhões de morbus”.⁴

Em 1915 quando mais uma seca foi declarada, iniciaram-se as retiradas. Milhares de retirantes começaram a longa trajetória em direção aos centros urbanos, conforme podemos atestar no documento abaixo que se refere aos retirantes que chegavam diariamente à cidade de Sobral⁵ procurando sobreviver.

Levas de retirantes já começam a invadir a cidade, procurando num intuito de conservação salvar a vida... Deixo na responsabilidade do governo tomar providências⁶.

Uma das políticas públicas de combate a seca e aos problemas que envolviam os retirantes foi a criação da comissão de Obras Novas Contra as Secas. Assim, uma das estratégias do governo para acalmar os ânimos dos retirantes e impedir que uma quantidade maior invadisse as cidades foi a criação de obras públicas no Interior. No

³Discurso na Câmara de Deputados, em 1906, de Eloy de Souza. In: Revista Conviver. Nordeste semiárido. V.IV. Fortaleza: DNOCS, 2004. Eloy de Souza (1873-1959) era potiguar. Tinha formação em Ciências Jurídicas Os textos desse autor, que estão na Revista Conviver, sobre o homem nordestino e as secas foram extraídos do seu livro: O calvário das secas, editado pela imprensa oficial.

⁴ Esses adjetivos são mencionados pelo engenheiro de obras contra as secas Fleury. Ver: GUERRA, Phellipe. *Ainda o Nordeste*. Natal. Typ. D” a republica”. 1927. p. 16.

⁵ A cidade de Sobral fica na região norte do Ceará, localizada nas proximidades do Rio Acaraú. Em Sobral e seus arredores foram erigidas várias obras para ocupar os retirantes da seca de 1915, isso se explica também por que essa cidade era importante politicamente e economicamente, a principal da região norte.

⁶ Jornal *A Pátria*, 25 de março de 1915.

entanto, o começo dessas construções, em 1915, tardou. Informes foram dados pelos jornais cearenses pedindo solução imediata para que as obras fossem realizadas rapidamente em todo o estado.

Quanto mais demoravam os socorros, mais a situação ficava alarmante e somente em 20 de outubro o jornal *A Lucta* noticiou a chegada dos engenheiros-chefes responsáveis pela tomada do início das construções da Comissão de Obras Novas Contra as Secas. Depois da chegada dos engenheiros e da eleição da equipe, aumentavam as perspectivas do início das obras e, junto a ela, a multidão de sujeitos formada nos locais onde seriam realizadas as construções. A simples expectativa do início da obra já era suficiente para que muitos trabalhadores se dirigissem aos locais das construções à procura de serviço.

Em retirada

“Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse.”⁷ Assim como o vaqueiro Chico Bento, personagem do livro *O Quinze* de Rachel de Queiroz, muitos dos trabalhadores partiram em retirada em direção às obras de açudagem da Obras Novas para garantir a sobrevivência. Suas trajetórias e desejos são similares às do personagem de *O Quinze*.

Chico Bento, mesmo na condição de personagem de literatura, estava inserido em contexto sociocultural historicamente plausível. Rachel de Queiroz descreveu com sensibilidade histórica situações vividas pelos retirantes das secas de 1915, no Ceará, relatando a peleja dos personagens que se retiraram rumo à Capital.

O vaqueiro do romance, dispensado do serviço por causa da falta de chuvas, recebeu ordem de soltar o gado, pois, para a proprietária das terras, Dona Maroca, manter o gado durante a seca significava “andar gastando dinheiro à toa”. Então, Chico Bento teve que soltar o rebanho, “liberou um a um do curral”. Para um vaqueiro, dispensar o gado significava que, a partir daí, estaria sem ocupação. Sem meios de subsistência, “só restava arribar”, pois não iria “comer cinza até cair de morto”.

⁷ QUEIROZ, Raquel de. *O Quinze*. 49 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1992. p.18

O trabalhador das Aroeiras desfaz-se de seus pertences, vende inclusive sua roupa de couro para conseguir uma soma em dinheiro. Em seguida, decide tentar obter passagens de trem. Mesmo a distribuição de passagens fazendo parte de um “sistema de apadrinhamento”, Chico Bento não consegue essa assistência e resolveu ir por terra. Migrou junto com a mulher, a cunhada e os filhos rumo à Capital.

Num trajeto sofrido, ele recorre à caridade pública, inúmeras vezes. Além de privações alimentares, outras tragédias se seguiram: a morte de um filho, que ficou à beira da estrada, o desaparecimento de outro, fora a cunhada que ficou no meio do caminho, no fim do romance aparecendo grávida. Depois de uma longa jornada, a família de retirantes conseguiu assistência de um compadre, que conseguiu passagens de trem em direção a Fortaleza. Já na Capital, consegue serviço nas obras do açude Tauapé.

O escritor Tomás Pompeu Sobrinho em seu livro “O problema das secas de 1916”⁸ também discorre sobre a condição dos que se retiravam por causa da seca. De acordo com o autor, declarada a seca, “um ar de tristeza” cobria “todos os semblantes”. Acabavam-se as reservas de gêneros, esmoreciam os animais e os sertanejos começavam a assistir a destruição de sua “pequena riqueza”. Com a “falta de artigos”, logo vinha “a carestia dos gêneros alimentícios” e “os pobres, sem meios de ganharem o suficiente para se abastecerem”, sentiam os “primeiros sintomas do mal”. Sem comida, tentavam enganar a fome com uma “massa que preparam com tubérculos, por vezes contendo substâncias tóxicas”. Sem trabalho, esgotando-se as esperanças, “porém animados com o instinto de conservação”, iniciavam a “jornada perigosa e rude”, “na qual grande número exala o ultimo suspiro.”

Iniciava-se a “odisséia dos retirantes”. Pelas “estradas péssimas, cobertas de pedregulho”, “sem alimentos, sem roupas”, ao abrigo do sol, “trôpegos” e “mortos de fome” muitos homens, mulheres e crianças seguiam. “a falta de alimentação regular” levava a “extrema miséria orgânica”, expondo-os a enfermidades. Muitos, nesse trajeto, alimentavam-se de restos de animais mortos. Pompeu Sobrinho alega que as crianças eram as maiores vítimas das mortes pela fome e pelas doenças, descrevendo:

⁸ Os três parágrafos seguintes são baseados em informações sobre a condição do trajeto dos retirantes contido no livro ⁸ SOBRINHO, Tomás Pompeu. *O problema das seccas no Ceará*. 2ª edição. Editores: Eugenio Gadelha & Filho. 1920. p. 22, 23, 24, 27.

As mães, cujos peitos murchos, descarnados não podem aleitar os filhos que definham, os abandonam muitas vezes por não poderem mais com a carga dos pequenos ossos, exaustos de fome e fadiga; e as criancinhas desamparadas, inanes morrem a margem do caminho, sem mesmo o olhar compassivo das turbas que passam absorvidas nas suas duras aflições. Os seus cadáveres vão em breve servir de pasto exíguo aos abutres e aos cães esfaimados.

Concluindo o trajeto, muitos que iam em direção aos grandes centros, encontravam-nos “desaparelhados para tais contingências”. Sem “acomodações”, “sem alimento”, e muito menos “sem trabalho”. As cidades tornavam-se “teatros de cenas e crimes”. Pompeu Sobrinho alega que “os forasteiros no último estado de miséria, abrigavam-se em massa numa promiscuidade”. Ali, não faltavam “exploradores” que ofereciam “aos míseros um pedaço de pão em troca dos mais sagrados sentimentos de honra e dignidade”.

Os jornais cearenses relatam sobre os retirantes da seca de 1915 em direção a Sobral e seus entorno. “Muitos fazendeiros diziam seu próprio gado” que já “morre nos campos sem alimento”, “pessoas enlouquecidas pela fome” acorrem às cidades, “assaltam”, “apelam à caridade cristã” no “intuito de salvar a vida”. Horrores similares aos encontrados na literatura o Quinze e na obra escrita, em 1916, pelo o escritor Pompeu Sobrinho.

Muitos se deslocaram à procura de assistência rumo às construções da Comissão de Obras Novas Contra as Secas. A imprensa sobralense relata que os retirantes desciam do alto sertão, “esquálidos rostos”, “pobres sertanejos”, sustentando nos braços “crianças com o passo já trôpego, mendigando a caridade pública nas vilas, cidades e povoados”. Conforme é descrito num relatório de serviços, os trabalhadores do açude Patos vinham de “pontos distantes dos centros de população, a 12 léguas de São Francisco de Uruburetama e 10 de Sobral”. Espalhada a notícia da construção deste açude, como relata o Jornal *A Lucta*, de 10 de novembro de 1915, “centenas de pais de família, que de qualquer forma... abandonaram a família, lar, em uma viagem penosa, dirigiram-se aos locais dos serviços em busca do trabalho rude mais honesto que lhes minorasse a fome, já bastante adiantada.” Outros,

“em romaria”, abandonaram “bens e, junto à família”, iam em busca da terra da promessa⁹.”

A “terra da promessa” citada é a frente de serviço do açude Patos, em São Francisco de Uruburetama¹⁰. O campo dessa construção é nominado dessa maneira neste jornal por conta do imaginário bíblico sobre a terra da promessa de Abraão – Canaã. Na bíblia cristã, é narrado que os descendentes de Abraão caminharam no deserto por muitos anos para chegar a uma terra que “emanaria leite e mel”. Lá, haveria pasto para o gado gerar leite e, da terra fértil, brotariam árvores de onde sairia mel. As romarias difíceis pelas terras secas do sertão cearense, em direção aos locais das construções da Obras Novas, representavam para muitos retirantes a possibilidade de saciar a fome e a sede, minorando os sofrimentos. Uma obra para acumular água significava, para alguns sujeitos da classe letrada, uma esperança de fertilizar a terra, tornar uma terra seca em produtiva, possibilitando a criação de animais e o cultivo da terra. Por isso a associação das obras de açudagem à “terra da promessa”.

As obras públicas eram uma das únicas soluções vistas pelos sertanejos em retirada. Alguns se dispersavam individualmente, cada qual ia à procura de remediar seu problema, outros partiam em “romaria” junto com toda a família. O açude Patos, localizado em Sobral, foi a primeira construção atacada no norte do estado, na seca de 1915, e por isso, recebia diariamente um número cada vez maior de retirantes.

De fato, a “odisséia” dos retirantes em busca de trabalho nas construções da Obras Novas traz muitas semelhanças com a trama narrada por Raquel de Queiroz, no Romance *O Quinze*: falta de trabalho e alimento, longas caminhadas, fome, mortes, doenças e desapontamento ao chegar ao destino – já que os retirantes acreditavam que os sofrimentos seriam diminuídos ao concluírem o trajeto em direção à Capital ou obras públicas. A diferença principal entre o vaqueiro da literatura *O Quinze* e os retirantes que partiam em direção as obras citadas é que, com a memória dos flagelos anteriores, estes sujeitos sabiam que a retirada para Fortaleza era muito sofrida. Mediante as experiências acumuladas de outras secas, mesmo sabendo que nos grandes centros estavam as autoridades públicas a quem deviam cobrar, os retirantes sabiam que os percursos longos deixavam para trás o rastro de morte e que os centros

⁹ Jornal *A Lucta*. 10 de novembro de 1915

¹⁰ São Francisco de Uruburetama é o nome fornecido, na documentação, do lugar de construção do açude Patos. Este vilarejo ficava no entorno da sede da cidade de Sobral. Hoje, a localidade onde foi construído o açude Patos recebe o mesmo nome da barragem.

urbanos não ofereciam a condição de subsistência desejada. Os registros de mortes por doença, por inanição, os casos de prostituição, antropofagia, assassinatos, suicídios, fazem parte do arsenal que marca a memória dos cearenses, nos períodos de secas.¹¹ Mesmo em 1915 existindo estradas de ferro ligando o Interior à Capital, construídas em outras secas pelas mãos dos próprios retirantes, não havia doações de passagens para todos.

Então, na intenção de evitar maiores mazelas de uma jornada a pé, muitos retirantes da região norte escolheram a alternativa de buscar trabalho nas construções da comissão da Obras Novas Contra as Secas. Arriscar-se num percurso diferente, numa jornada mais curta, podia significar menos sofrimento. Mesmo sabendo do rigor do trabalho nas obras das secas, para muitos retirantes da região norte do Estado do Ceará, a saída menos doída era buscar os serviços nas obras públicas mais próximas. O abarracamento da Capital, na seca de 1915, chamados pelos poderes públicos de campo de concentração, era uma opção, mas o cotidiano de abarracamentos também já era conhecido de muitos sertanejos.

O campo de concentração do Alagadiço, de acordo com o farmacêutico Rodolfo Teófilo, era de “um quadrilátero de quinhentos metros” onde foram “encurralados sete mil retirantes”. Acobertados em geral por cajueiros, o campo apresentava uma péssima salubridade. A má alimentação existente era insuficiente. A carne de boi de origem ruim era fervida “em dúzias de latas de querosenes”. Doenças proliferaram-se e muitos faleceram.

Então, diante das possibilidades oferecidas pelos socorros na Capital e temendo um percurso mais longo e mais dificultoso, muitos retirantes escolheram a alternativa das construções da Obras Novas, o que evidencia também que os retirantes sujeitos de suas ações não ficavam presos a dualidade migração para o norte ou para o sul, trilhavam seus próprios percursos. As famílias que chegavam aos campos das obras eram numerosas. Há registros de casos em que havia 18 membros. Os homens que conseguiam serviço atacavam imediatamente os trabalhos. Eram alistados também meninos e mulheres, os trabalhos e pagamentos destes eram diferenciados dos destinados aos homens adultos. No primeiro mês da construção do açude Caio

¹¹ A historiografia sobre as secas no Ceará mostra variados casos de mortes, prostituição, suicídios, antropofagia, assassinatos, etc. A memória dos cearenses já estava carregada desses fatos, o que era um dos fatores para a alternativa de eles ficarem mais próximos dos locais de origem. Os jornais dos anos de 1915 e 1916 chegaram a denunciar casos como estes.

Prado, em Santa Quitéria, em telegrama de 3 de novembro de 1915, o condutor da obra informa que trabalham na obra, além de vários homens, “42 donzelas, doze casadas, 30 viúvas e 30 meninos no total.” Os outros membros da família, que não conseguiam ocupação, ficavam à espera da “divisão do bolo”.

Com o passar dos dias, a multidão de famintos aumentava ao redor dos açudes da Obras Novas. Nos agrupamentos de retirantes geravam o medo de que acontecessem revoltas, fazendo pressão no setor político, nas autoridades religiosas, na sociedade local das proximidades das construções, na elite letrada, e claro, na direção da Obras Novas, equipe técnica e engenheiros chefes das construções de açudagem.

A terra da promessa

Depois de um percurso longo em direção às obras de açudagem e à conquista de uma vaga para trabalhar nas construções, como era a estrutura do campo de trabalho que os retirantes encontrariam? Qual a forma de alojamentos? Existiam alojamentos para o pessoal técnico dentro da obra? E para o pessoal operário? É na tentativa de imaginar como era o ambiente da obra de açudagem onde retirantes, retirantes-operários, equipe técnica e engenheiro se relacionaram, onde ocorreram os principais embates, que é fornecida uma visão, mesmo não aprofundada, haja vista a limitação das fontes, sobre o campo da construção.

Em meados de novembro de 1915, mais de um mês depois de iniciadas as obras no açude Patos, ainda não existiam abarracamentos para os trabalhadores. Responsabilizando-se por tal fato a escassez de materiais, como madeira, ramos e palhas para o serviço, e “não só os trabalhadores como alguns fornecedores” estavam “completamente expostos ao sol, ao tempo, ao relento.” Estava “tudo abandonado, sem meios sequer de alimentação”¹². No jornal *A Lucta*, de 17 de novembro de 1915, um fornecedor do açude Caio Prado informa que semanas antes foi visitar “malhadas de famintos”, todos ao desabrigo. Segundo ele, “ali agonizavam dezenas de crianças”.

Pode-se constatar que, no mês inicial da construção do açude, os operários ficavam ao completo relento. Durante o dia, ficariam expostos ao sol de qualquer maneira, com ou sem alojamento, mas, quando a noite chegava, ficavam ao desabrigo,

¹² Jornal *A Lucta*. 10 de novembro de 1915.

o que não era muito diferente das noites que haviam passado durante a jornada até o local da construção do açude. As refeições durante o dia também eram feitas com exposição ao sol, até porque, mesmo com o alojamento, o tempo de refeição não era suficiente para que o trabalhador recebesse o vale, trocasse por mantimento, preparasse a comida e se dirigisse ao abrigo para lá fazer a refeição. Em entrevista a um residente da região, o Jornal *A Lucta*, de nove de fevereiro de 1916, registra sobre os alojamentos: “Seu Sebastião, que casas são aquelas que vemos acolá? ... é ali que fica o açude dos Patos... há muita coisa boa, aonde mora a gente um pouco mais mió”.

O entrevistador ainda descreve a visão que teve ao chegar à construção do açude Patos. De acordo com ele, entrou em uma rua e avistou algumas casas, serraria, armazém cheio de farinha, feijão e arroz. Ao conhecer o interior de uma casa, descreveu que esta era espaçosa, tinha redes armadas e mostrava muito asseio. Vista a descrição do jornalista e expressão do entrevistado sobre o espaço “aonde mora a gente um pouco mais mió”, pode-se constatar que essas casas mencionadas podiam ser da equipe técnica. Não era dos engenheiros, pois este, na maioria dos casos, alojava-se em cidades próximas ou tinham acomodações melhores. E pouco provavelmente eram dos trabalhadores, já que, nesse período de início das obras, as descrições feitas sobre a moradia dos operários falam de barracas e barracões improvisados.

Na construção, existiam, além das casas, outras instalações necessárias:

Para instalação dos serviços mandei construir uma casa para armazém, uma para morada dos auxiliares, uma para oficinas, três grandes barracões para o pessoal e fiz reparos gerais na casa para o escritório. Para a cobertura dessas diversas construções comprei telha e palha de carnaúba pela falta absoluta de outro material mais econômico. Tais construções impunham-se pela falta de habitações no local.¹³

¹³ Arquivo da Segunda Divisão Regional do DNOCS. Fundo Açudes Públicos Ceará. Pasta Açude Patos nº4. Relatório de serviços realizados enviado à Superintendência de Obras Novas Contra as Secas pelo engenheiro Rômulo Campos. 25 de janeiro de 1916.

Na construção, foram criadas ainda duas cacimbas e um reservatório para acúmulo de água, posteriormente, barracas para os operários e uma escola. Felipe Guerra registra que nas obras de alguns açudes existiam também “serviços de esgotos em caixas acéticas em todas as residências para o pessoal da categoria, casa de médico e casa de gelo”¹⁴.

Nas obras do açude Forquilha, em 1919, pouco tempo depois de iniciadas, é informado que já era “um povoado”. “Além de várias casas de telhas, cerca de duzentas casinhas de operários se alinham naquela construção”.¹⁵ Então, mediante os dados relatados nas fontes, percebe-se que o aspecto dos arredores e das construções dos açudes era de uma pequena vila em formação, com algumas instalações necessárias para o início das obras dos açudes. Nos meses seguintes, com o levantamento de barracas, barracões e casas era tomada a forma de um povoado.

A construção do açude *Patos* durou dois anos e dez meses. E o que, no início, era só algumas barracas, transformou-se em um povoado. No relatório final das obras, enviado pelo engenheiro Rômulo Campos, sobre o açude *Patos*, é relatado que, no começo da edificação, “existia apenas uma velha e abandonada casa de fazenda” e que, no fim da obra, já era “um próspero arruado, onde ficaram depois da conclusão das obras cerca de 200 moradores”.¹⁶

O vilarejo que ganhava forma no açude, somado à estrutura geral de funcionamento das obras, recebia da imprensa local nomenclaturas que assemelhava o campo a lugares inadequados. Os adjetivos dados eram em geral: “grande arraial”, “front”, “sardinha em lata”, “abundante mercado”, “anfiteatro de gladiadores”, e os nomes dados aos sujeitos que trabalhavam ou viviam ao redor da obra são diversos, pode-se citar: “famintos”, “maltrapilhos”, “esqueléticos” “homens sinistros”, “homens magros”, “homens tristes” e “homens cansados”. Todos trabalhando muito, numa “luta desesperadora pela conservação da vida”.

Sendo assim, a aparência era de um lugar abarrotado. É importante perceber que a linguagem da cobertura da Grande Guerra estava presente nos discursos, o que denota o clima de conflito e peleja que também havia no combate às secas. A

¹⁴ Guerra, Felipe. *Ainda o Nordeste*. Op. Cit. P. 140.

¹⁵ *Jornal A Ordem*, 15 de agosto de 1919.

¹⁶ Arquivo da Segunda Divisão Regional do DNOCS. Fundo Açudes Públicos Ceará. Pasta açude Patos nº8. Relatório final dos serviços realizados enviado à Superintendência de Obras Novas Contra as Secas pelo engenheiro Rômulo Campos. 26 de setembro de 1918.

imagem é de um campo espantoso. Todavia, seus habitantes, mesmo com a triste condição posta pela fome, vivem trabalhando muito, num esforço diário pela garantia da vida.

Fora as dificuldades iniciais de instalação do pessoal operário e administrativo, três meses após o início das obras, era noticiado outro problema: a disseminação de moléstias nos açudes, especificamente os registros remetem à questão no açude Patos.

Um ambiente de aglomeração de famílias pobres, debilitadas e mal alimentadas, sem uma estrutura salubre, resultava na facilidade de dispersão de doenças. O jornal *A Lucta*, de cinco de janeiro de 1916, falava das epidemias que atingiam os campos de concentração em Fortaleza e o açude Patos. No relatório do presidente de Estado, de 1916, página 7, Benjamim Barroso fala sobre os casos de varíola, “companheira de todas as secas”, explicando que:

O fenômeno deu-se mais acentuadamente no litoral, na região das duas ferrovias, nas obras de açudagem e nas estradas de rodagem, mandadas executar pelo governo federal, onde se davam maiores aglomerações de pessoas esqueléticas, esfarrapadas, sujas, sem a mínima higiene, mal encontrando água para beberem.

Para Rodolfo Teófilo, amontoar os retirantes era matá-los. Baseado em concepções médicas e humanistas, dissertando sobre as condições do campo de concentração do Alagadiço, em Fortaleza, ele não aprovava a criação de um espaço de segregação que possibilitasse a proliferação de epidemias.

Já o presidente Cel. Benjamim Barroso alega que a “peste quase sempre acompanha esses infelizes, fazendo-lhe grandes estragos”¹⁷. No caso do açude Patos, as enfermidades atingiram especialmente as crianças. O próprio presidente de Estado expõe que as aglomerações possibilitaram a disseminação das enfermidades, fazendo críticas às condições de higiene nas obras. Benjamim Barroso não cita casos de doenças no campo de concentração do Alagadiço, na mensagem, pois o campo fazia parte da sua política estadual contra a seca de 1915, informar más condições de existência neste era reconhecer falhas na aplicação de seu plano de governo.

¹⁷ ESTADO DO CEARÁ. Mensagem dirigida à Assembléia Legislativa, em 1º de julho de 1915, pelo presidente do Estado Cel. Benjamim Barroso. Fortaleza: Typographia Moderna, 1915. p.8.

Então, visto os documentos e informações apresentadas, pode-se ter noção de parte do cenário da construção dos açudes públicos da Obras Contra as Secas, era nesse espaço que o cotidiano era dividido entre engenheiros, auxiliares técnicos, operários e seus familiares. Era este o lugar que funcionava como escola para os trabalhadores das secas, onde retirantes se tornavam operários das obras.

Considerações finais

As retiradas a cada seca era vista como uma ameaça à ordem e à civilização. Os retirantes desalojados representavam perigo. Dispersos em pequenos bandos, andrajosos, os sertanejos mazelados pela estiagem deixavam de ser vistos como dóceis e passivos para ser vistos com uma massa que poderia se rebelar. Em 1915, quando mais uma seca assola o Ceará e outros estados semiáridos, as cidades foram invadidas pelos “protagonistas do fundo”, conforme noticiou o jornal *A Lucta*.

Declarada a seca, extintos os recursos e sem trabalho, a saída foi a migração. Num percurso difícil, muitos retirantes se deslocaram. Temendo a morte, deixavam seu roçado, seus animais, sua casa, sua rede, seu modo de vestir, e quem sabe, até de rezar, motivados pela busca da sobrevivência. As caminhadas marcadas pela fome, morte e doenças aconteciam em direção às cidades e aos locais onde seriam construídas obras públicas. Os retirantes esperavam que suas dores acabassem com a chegada a estes locais, mas estas, em parte, somente foram modificadas, como se verifica adiante. Chegando aos locais das obras, os sofrimentos não foram aniquilados, novas lutas foram postas, e, como já haviam enfrentado outras dificuldades, os retirantes pelejavam diante dos novos embates.

A passagem de camponês a retirante foi dificultosa e a de retirante a operário traria uma multiplicidade de experiências aos trabalhadores do campo em épocas de calamidade. Numa situação de emergência, os trabalhadores de açudagem foram postos diante de um novo cotidiano, enfrentando um rigoroso ritmo de trabalho, onde o serviço difícil e mal pago era tido como exigência para o merecimento da assistência social, não obstante as péssimas condições de higiene e alimentação. (Essas questões são discutidas no segundo capítulo do meu trabalho de mestrado intitulado “Enxadas: de retirantes a operários”).

A cada seca, ocorriam mudanças no trato do problema que representava o retirante e o socorro era condicionado à prestação de serviços. Mesmo que alguns ainda praticassem a caridade cristã, por meio da doação de esmolas, havia, por parte de muitos, a abominação de tal exercício. A esmola poderia tornar-se um vício. A recorrência a esta forma de socorro fazia com que muitos retirantes fossem vistos como preguiçosos e aproveitadores. Assim, uma parcela da sociedade, dos intelectuais e dos poderes públicos mudou a maneira de ver o sujeito que se retirava fugindo da seca. De coitados a perigosos, de necessitados a indolentes e com transformações no exercício da caridade, o trabalho em obras destacou-se como meio de socorro à população faminta, em 1915.

Bibliografia

- ALVES, Joaquim. *História das secas - séc. XVII a XIX*. Edição fac-símile. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2003.
- ALBUQUERQUE JR, Durval. M. *Palavras que calcinam palavras que dominam: a invenção da seca no Nordeste*. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.15, n 28, p.111- 120, 1995.
- _____. *A Invenção do Nordeste e outra Artes*. São Paulo: Cortez, 1999.
- CANDIDO, Tyrone. *Trem da Seca: Sertanejos, retirantes e operários*. (1877-1880). Fortaleza: Museu do Ceará - Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2005.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril. Cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: cia. das letras, 1996.
- _____. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2ª ed. Editora Unicamp. 2001.
- GUERRA, Felipe; GUERRA, Teófilo. *Secas Contra a Seca*. Rio de Janeiro: Tip. Cruz Coutinho, 1909.
- _____. *A seca de 1915*. In: ROSADO, Vingt-um e ROSADO Américo. *Décimo primeiro livro das secas*. Coleção mossoroense. Volume cccv. Editora universitária. Natal 1985.
- _____. *As Secas*. In: a Republica. Natal: RN, 1932.
- GUERRA, Paulo de Brito. *Açudes públicos do Nordeste, relação dos reservatórios construídos até 1981*. Fortaleza: DNOCS, 1982
- _____. *A civilização da seca: o Nordeste é uma história mal contada*. Fortaleza: DNOCS, 1981.

- HOBSBAWN, Eric j. *Os trabalhadores. Estudos sobre história do operariado*. Rio de Janeiro: paz e terra, 1981.
- _____. *Bandidos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.
- LISBOA, Miguel Arrojado de. *O problema das secas sobre variados aspectos*. (publicado nos anais da biblioteca nacional de 1913). In: *DNOCS – pensamentos e diretrizes*. Fortaleza, 1984.
- NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- _____. “*Curral dos Bárbaros: os campos de concentração no ceará (1915 e 1932)*.” *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/ contexto, vol.15. Nº29. 1995. P.93-122.
- _____. *Estranhos na Belle Époque: a multidão como sujeito política (Fortaleza, 1877-1915)*. Trajetos. *Revista de história*. UFC. Vol. 3. Nº6. 2006.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História. Operários, Mulheres, Prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PONTE, SEBASTIÃO Rogério. *Fortaleza Belle Époque: Reformas Urbanas e Controle Social*. Fortaleza. - 3ª Ed. Edições Demócrito Rocha, 2001.
- QUEIROZ, Raquel de. *O Quinze*. 49 ed. Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1992
- RIOS, Kênia Souza. *Campos de concentração no Ceará: Isolamento e poder*. Fortaleza museu do Ceará/SECULT, 2002.
- ROSADO, Vingt-um (org) *Memorial da Seca*. Mossoró, 1981, Coleção Mossoroense – Volume CLXIII.
- SOBRINHO, Thomaz Pompeu. *História das Secas (século XX)*. Mossoró: Coleção Mossoroense, volume CCXXV, 1982.
- _____. *O problema das seccas no Ceará*. 2ª edição. Editores: Eugenio Gadelha & Filho. 1920.
- SOUSA, Simone e NEVES, Frederico de Castro. (orgs) *Fortaleza: história e cotidiano - Seca*. Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2002.
- THEOPHILO, Rodolfo. *História da seca no Ceará - 1977 - 1880*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.
- _____. *A seca de 1915*. Fortaleza. Edições UFC. 1980.
- _____. *A secca de 1919*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: companhia das letras, 1998.